

A URGÊNCIA DO POVO

Rubem Braga

123
Daqui de minha casa de trabalho, em um 14º andar, vejo, no mesmo plano, a escadinha do morro do Cantagalo, do lado de Ipanema. O morro é muito mais alto que meu edifício; e o dia inteiro sobe gente com lata d'água na cabeça. É pitoresco. As vezes esse pitoresco se acentua: outro dia vi uma família de uns oito membros de várias idades carregando água cada um com uma lata de tamanho proporcional ao seu próprio tamanho. O chefe de família levava em cada mão uma lata de 20 quilos e a garotinha menor equilibrava na cabeça uma tina de litro. Daria um desenho engraçado.

Engraçado, pitoresco -- e verdadeiramente cruel. Quanto custaria instalar uma bomba e um encanamento para evitar esse trabalho diário, estafante, desumano? Lá embaixo as bicas costumam ter água à vontade -- uma delas, creio de uma nascente do próprio morro. As mulheres descem para lavar roupa e sobem lentamente com as bacias cheias de roupa torcida. De vez em quando param para descansar, pois o morro é dos mais íngremes; tão escarpado mesmo que seria inviável urbanizá-lo. É possível que quando terminar a construção daquele grã-fino Panorama Palace Hotel pressões poderosas levem as autoridades a desmanchar essa favola. Mas seja o que for o futuro -- por que agora ninguém pensa em instalar um modesto serviço de água, com duas ou três bicas morro acima?

Sei que o Governo da Guanabara está sem dinheiro. Vejo que ele procura acertar mas a verdade é que sem dinheiro não se faz coisa alguma. Todos elogiam, por exemplo, a nomeação do sr. Armando Mascarenhas para a Secretaria de Economia, e outra escolha das mais felizes foi a do sr. Miguel Gabizo Faria para diretor da COCEA: é um homem que tem conhecimento efetivo dos problemas de produção e comércio, e engenheiro agrônomo; ninguém melhor para lidar com problemas de abastecimento.

O que não estou sentindo em ninguém do Governo é uma pressa verdadeira em enfrentar os problemas do povo. Até parece que há algum amigo da onça infiltrado nesse governo para inventar coisas como essa lei de despejos. Vêm aí aumento de passagens, aumento de gasolina, vários aumentos; e isso com uma promessa de reajustamento insuficiente, notoriamente insuficiente de ordenados e salários.

Estamos, afinal, em um Estado rico, muito capaz de pagar, em prazo razoável, qualquer empréstimo; por que sacrificar os funcionários, os empreiteiros e afinal todo o povo?

Água para os morros, comida mais farta e menos cara, uma aragem de aumentos salariais decentes -- tudo isso é urgente e é possível. Mas é preciso que alguém se mexa, que alguém sinta realmente essa urgência, a urgência do povo. Não chego a propor que o sr. Roberto Campos seja obrigado a carregar uma lata d'água morro acima para despertar sua sensibilidade em relação aos problemas do povo, ou a remar em canoa no lugar de vogar em iates de grandes firmas estrangeiras -- mas acredito que não é inútil trazer esse lembrete que a minha janela inspira: o povo existe, e vai mal.

05

128